

# 1 Introdução

A leitura de *Estâncias* (1977) foi o que nos instigou a fazer esta dissertação; mais precisamente, a ideia exposta logo em seu prefácio a respeito da palavra humana, vista como despedaçada. A relação entre poesia e filosofia sempre nos pareceu intrigante, mas a maioria das interpretações com que nos deparáramos até ali submetia a primeira à segunda, como se o que estivesse em jogo fosse seu conteúdo; assim, a apropriação filosófica da poesia acabava tratando-a como exemplo, imagem. Giorgio Agamben, por sua vez, qualificava já de saída ambas como polos separados de um mesmo discurso (o humano), sem que uma estivesse a serviço da outra. Foi isto que primeiro nos seduziu. A leitura mais atenta que se seguiu a tão alegre descoberta mostrou-nos um pensador preocupado não apenas com essa quebra: estávamos diante de uma obra que punha em questão temas como língua e fala, significante e significado, natureza e cultura, *phoné* e *lógos*, som e sentido. Em suma, a possibilidade mesma de uma palavra humana. O que, então pensávamos, viria a ser uma discussão entre poesia e filosofia terminou por transformar-se em uma reflexão mais radical que, movendo-se entre esses dois polos, culminou no vislumbre do que poderia ser um sentido não-humano.

Trabalhamos com textos de Agamben publicados entre 1977 e 1998: começamos pelo já referido *Estâncias*, além de *Infância e história* (1978), *A linguagem e a morte* (1982) e *Ideia da prosa* (1985), sobretudo, e alguns artigos dessa mesma época, como “Pascoli e o pensamento da voz” (1982), “A origem e o esquecimento” (1983) e “Ideia da linguagem” (1984). Duas publicações da década de 90 foram bastante importantes, sobretudo para o último capítulo: o artigo “O fim do poema” (1995) e a terceira parte do *Homo Sacer, O que resta de Auschwitz* (1998). De aparição mais tímida, mas igualmente importantes, foram *A comunidade que vem* (1990) e *Bartleby* (1993).

Dividimos a dissertação em três capítulos. No primeiro, que se chama “A lição da Esfinge” e é principalmente baseado em *Estâncias*, procuramos situar o discurso crítico a que Agamben se filia e a tradição de pensamento filosófico com

que dialoga; mostrar como, para ele, poesia e filosofia comportam-se frente ao diagnóstico do despedaçamento; e, finalmente, expor suas objeções ao esquema do signo como significante e significado, que o levam a propor uma aliança com a Esfinge, contra Édipo.

No segundo, “A eliminação cristalina do inefável”, iniciamos com *Infância e história* e seguimos para *A linguagem e a morte*. Nele tentamos indicar como, em nossa opinião, entre os livros de 1977 e 1982, Agamben pareceu recuar em relação ao que havia proposto anteriormente. Em seguida, partimos para a análise do fundamento negativo que compartilhariam filosofia e poesia; por fim, a partir de um poema de Leopardi, muito caro a Agamben, entrevemos como na poesia essa negatividade poderia deixar de ser fundamento. Este capítulo abre o espaço ético, que passa a ter primazia sobre o ontológico, através da formulação de Benjamin “a eliminação cristalina do inefável” (citada em *Infância e história*) e introduz o som na discussão.

No terceiro capítulo (“O fim do poema”, “Ideia da prosa” e *O que resta de Auschwitz*) tratamos enfim de dessubjetivação – pois o sujeito é um conceito que é “profanado” em vários momentos até ali – e das relações entre som e sentido com o fito de compreender de que ética Agamben está falando, e como esses três elementos estariam atrelados à sua emergência. Este capítulo termina com a aparição do campo de concentração, de dentro de onde acompanhamos uma discussão sobre a possibilidade de um outro sentido, não-humano. De Édipo até uma Esfinge; do desvendador de enigmas até a dissolução do sentido, foi esse o nosso itinerário.

Na conclusão, uma comunicação recente, de agosto de 2011, é ocasião para que reavaliemos os lugares de poesia e filosofia no pensamento de Agamben. Esta conclusão serve também para que o próprio pensador nos coloque um enigma, que tentamos tratar da maneira menos edípica possível. Se falharmos, caberá a outros nos avisarem.

Tivemos a sorte e a felicidade de lidar, mesmo que muitas vezes de maneira incipiente, com um conjunto grandioso de poetas e filósofos. Esperamos que a nossa escrita, de algum modo, transpareça um pouco dessa bem-aventurança.